



## O NEOPENTECOSTALISMO E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: UMA CONTRIBUIÇÃO NA LEGITIMAÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIAL

*Michele Ribeiro Haddad<sup>1</sup>  
Nelson Cortes Pacheco Junior<sup>2</sup>*

**Resumo:** o neopentecostalismo é a terceira onda do pentecostalismo que se iniciou na metade dos anos 1970 e foi ganhando força no decorrer das décadas de 1980 e 1990. Essa terceira onda marca um recorte na corrente pentecostal. A teologia da prosperidade surge como forma de lidar com o sofrimento “imerecido” dos fiéis. Prega-se que apenas não se é prospero financeiramente, saudável e feliz nessa vida quem carece de fé e não cumpre com os propósitos da Bíblia Sagrada. A posse e a exibição de bens, são exemplos que devem ser apresentados como provas de espiritualidade. É nesse sentido que o trabalhador reflete sua condição social, se mantendo vinculado a uma relação de trabalho precarizada incidindo ainda mais a sua condição de pobreza, buscando manter intacta a lógica de que quanto mais se entrega a Deus, mais se tem em vida.

**Palavras-Chave:** Neopentecostalismo; Teologia da Prosperidade; Desigualdade Social; Fé

**Abstract:** Neo-Pentecostalism is the third wave of Pentecostalism that began in the mid-1970s and gained strength throughout the 1980s and 1990s. This third wave marks a cut-off in the Pentecostal current. Prosperity theology emerges as a way of dealing with the “undeserved” suffering of the faithful. It is preached that you are not only financially prosperous, healthy and happy in this life who lacks faith and does not fulfill the purposes of the Holy Bible. Possession and display of goods are examples that must be presented as evidence of spirituality. It is in this sense that the worker reflects his social condition, remaining linked to a precarious work relationship, focusing even more on his condition of poverty, seeking to keep intact the logic that the more he surrenders to God, the more he has in life.

**Key words:** Neo-Pentecostalism; Prosperity Theology; social inequality; Faith

Artigo recebido em: 22/01/2022

Artigo aprovado em: 27/02/2022

<sup>1</sup> Mestranda em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF. E-mail: michelehaddadr@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Geografia pelo IG/Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. E-mail: nelsoncortes@id.uff.br

### **Considerações Iniciais**

Para Westphal (2010) na modernidade há um processo de individualização que dissolve as referências de sociedade. Lipovetsky (2005) também ressalta que o indivíduo contemporâneo é essencialmente individualista e pode viver num estado de indiferença narcísico. Podemos considerar que na contemporaneidade também a religião precisa se inserir nessa lógica da individualidade.

Berger (2003) considera que a inserção dos indivíduos numa determinada religião é voluntária, ou seja, está associada a uma liberdade de escolha e menos dependente de uma tradição familiar ou cultural. Na opinião do autor, as denominações se colocam numa lógica do mercado, tentando atrair fiéis.

A individualidade assume uma centralidade em oposição à comunidade religiosa. Para Moreira (2008) há uma grande transformação do campo religioso onde por exemplo, grupos de comunicação assumem grande relevância nessa disputa por fiéis. Para Pierucci e Prandi (1996) a religião se torna uma expressão da identidade individualizada, ela pode ser consumida numa lógica de satisfação pessoal ligada ao prazer individual.

Assim é possível percebermos que a religião vai contribuindo para a legitimação de um determinado modelo de sociedade. Bourdieu (1974) considera por exemplo que numa sociedade desigual, as práticas religiosas podem exercer o papel de consagrar, santificar e justificar uma determinada ordem social.

Hutton e Giddens (2004) consideram que atualmente a pobreza se tornou individualizada, as pessoas agem na perspectiva de se adaptarem e encontrarem saídas pessoais. Entendemos que diante de problemas que são globais e socialmente afetos a todos, as pessoas precisam resolver os mesmos de maneira individual.

É nesse contexto que atuam as denominações neopentecostais que difundem a chamada teologia da prosperidade. Para Oro (1996) essa teologia propicia aos fiéis um desejo de ascensão social e a posse de bens materiais sem nenhum conflito de consciência. Podemos



considerar, portanto, que há uma legitimação e sacralização da desigualdade social, onde o bilionário por exemplo, ao invés de ser compreendido numa perspectiva sócio-histórica e econômica, é visto como alguém “abençoado” e “agraciado” por Deus.

Assim, percebe-se que o pobre por outro lado é visto como um “rico” em potencial, alguém que para enriquecer basta lutar, perseverar, acreditar que Deus o vai abençoar com a prosperidade. Nesse cerne, algumas denominações neopentecostais difundem a chamada teologia da prosperidade, criando uma falsa sensação de “igualdade” entre todos os indivíduos, buscando mascarar a desigualdade social existente.

### **As denominações neopentecostais e a teologia da prosperidade diante dos problemas sociais**

O pentecostalismo vem da designação pentecostal que é uma palavra derivada do termo pentecostes, que é um movimento correlacionado ao protestantismo. Pentecostes é uma festa judaica, onde os cristãos comemoram a chegada do Espírito Santo. A mesma surgiu, quando os discípulos estavam todos reunidos com a população da cidade e por um momento, todos foram tocados por “línguas de fogo<sup>3</sup>”, onde passaram a falar todos os tipos de línguas que antes era impossível.

Contudo, alguns dos que estavam presentes começaram a zombar das pessoas que proferiam outras línguas, acusando-os de estarem bêbados de vinho. Pedro, um dos apóstolos de Jesus ao ouvir os comentários acerca do ocorrido e presenciar as blasfêmias proferidas pelo povo que lá se encontrava, desferiu um sermão, explicando o que ocorrera e contou sobre todos os sinais que o poder do Espírito Santo poderia proporcionar, lembrando que “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (BÍBLIA, Atos 2:21). Dessa forma, surgiu a profissão da fé, que se encontra até os dias de hoje nos escritos e falas cristãs, bem

---

<sup>3</sup> Como são conhecidas as palavras proferidas pelas pessoas que estão sendo “usadas” pelo Espírito Santo”.

como instauradas nas instituições religiosas. O neopentecostalismo é considerado a terceira onda do pentecostalismo tendo forte influência na comunidade cristã, passando a serem considerados evangélicos carismáticos, quando foi iniciado em 1960 nos Estados Unidos. Já no Brasil a “onda” neopentecostal se iniciou em 1970 pelo líder religioso Edir Macedo.

Assim na prática neopentecostal, acredita-se que Deus resguarda realizações positivas na vida de seus fiéis e que o valor dizimado as denominações levam os crentes a prosperidade, dessa forma quanto mais se dizima, mais bênçãos são concedidas sendo está uma das premissas que norteiam a Teologia da Prosperidade.

Freston (1994), afirma que "a Teologia da Prosperidade é uma etapa avançada da secularização da ética protestante". Com isso, ela nada mais é que a doação do dízimo as instituições religiosas, a fim de se adquirir mais bens materiais no decorrer da vida. Para se adquirir prosperidade financeira é necessário sempre estar fazendo a doação, como forma de “manutenção” do pedido divino.

Esse entendimento de certa forma faz com que a instituição não mais faça a mediação entre o crente e Deus. Há uma flexibilização nessa relação em que o crente sinta que entre ele e Deus há um universo infinito de possibilidades. Ainda seguindo nessa abordagem, o dízimo pago à de denominação exerce um papel mobilizador dessa lógica da prosperidade. A contribuição dada passa a ser vista como uma “mola” que retribui benefícios ao indivíduo e sua família em forma de prosperidade material. Para Macedo (1990) o mecanismo do dízimo é uma aposta no poder de Deus, o qual, para os crentes, nunca falha nas suas promessas.

A Teologia da Prosperidade é intensamente apresentada e praticada nas chamadas denominações neopentecostais que para Mariano (2005), são instituições geradas dentro do pentecostalismo, porém as mesmas enfatizam de maneira muito intensa a questão da prosperidade material e aderem a valores do mundo mercadológico e empresarial. Conceitos como empreendedorismo passam a fazer parte dessa complexa relação que legitima a

culpabilização individual pelo fracasso, desembocando na sustentação dos valores meritocráticos numa sociedade neoliberal.

Weber (2019), adota em seus ensinamentos essa corrida em direção a prosperidade, abordando que quanto mais se doa e quanto mais esforço se realiza, mais se adquire materialmente e mostra a Deus, que seu esforço precisa ser recompensado. Para uma vida feliz e prospera, são indispensáveis o esforço e o trabalho árduo. Nesse sentido foi se constituindo um mercado da fé, onde apenas quem doa é que merece ser abençoado por Deus.

Com o crescimento da tecnologia e da informação por meio das redes sociais, ficou mais “prático” mostrar a sociedade as supostas benfeitorias que os membros recebem ao permanecerem fiéis nas doações. Logo, entende-se que não dizimar não apenas impede as pessoas de obterem as bênçãos, mas faz com que essas mesmas pessoas adentrem em situação de miserabilidade e adquirem doenças, conforme se expõe a seguir:

Este “poder mental” preconiza que a fé em Jesus Cristo exige, obrigatoriamente, a busca pela riqueza material e a boa saúde. Toda falta ou enfraquecimento da fé provoca o surgimento da miséria e das doenças sendo esses, frutos do pecado (CARTA CAPITAL, 2020).

Através das propagandas e informações de curas e ganhos financeiros surpreendentes a ideia de doação passa por uma distorção de realidade, que incentiva o indivíduo a crer que os problemas pessoais vão ser resolvidos e que se por alguma circunstância o crente que realizou a doação não atingir o objetivo “planejado”, foi porque a doação não foi suficiente para que a benção recaia sobre si, sendo necessário doar mais do que o “esperado”.

Dessa maneira, os fiéis buscam as instituições religiosas a fim de suprir a falta de algum direito que deveria vir do Estado. A religião passa a ser vista como “refúgio” dos problemas pessoais não resolvidos e/ou não garantidos. Questões como a criminalidade, o uso de entorpecentes (lícitos e ilícitos) que possuem forte relação com a condição



socioeconômica do indivíduo, é visto – nessas denominações – com um problema espiritual, portanto a solução também passa pelo campo espiritual individualizado.

É muito comum estarem associadas a essas instituições, clínicas e obras sociais que centram sua ação num foco espiritual individual, apostando na conversão do indivíduo para depois disso ele receber a recompensa da cura. Mariz (2016, p.31) ao escrever sobre as ações sociais dos neopentecostais afirma que:

Discutindo emoção e individualismo no que chamaram de “nebulosa mística esotérica”, bem como em outros movimentos religiosos contemporâneos na França, incluindo a Renovação Carismática Católica (RCC), Françoise Champion e Danièle Hervieu-Léger (1990) sugerem que essas correntes propõem uma religiosidade do “eu” que afastaria fiéis da preocupação com o outro e com a sociedade mais ampla.

A autora considera que essas denominações enfatizam as experiências que segundo seus líderes são promovidas pelos dons do Espírito Santo, e que estas gerariam, um estilo espiritual individualista, subjetivista, emocional que afastaria os fiéis de preocupações sociais e políticas. É a partir de 1990 que os neopentecostais começam a se lançar na área da assistência social e política, lançando inclusive candidatos a cargos eletivos em nível nacional e local. Em pesquisas com lideranças religiosas que coordenam obras de assistência social, Mariz (2016), nos apresenta que o discurso das lideranças neopentecostais, vinculam o problema da carência material a problemas existenciais, morais e afetivos, ou seja, individualiza uma questão que é complexa e social. Por isso a importância de refletirmos sobre a relação desse discurso neopentecostal e da prosperidade com a meritocracia e compreendermos assim que há um constructo ideológico que dificulta o processo de consciência coletiva no enfrentamento da desigualdade social.

### **A meritocracia neoliberal e a desconstrução da consciência coletiva**

Tanto as instituições neopentecostais como a Teologia da Prosperidade, conduzem para uma concepção teológica que estimula e defende uma relação unilateral entre o indivíduo e Deus. Nas religiões institucionalizadas como é o caso das denominações, o conceito de comunidade envolve o conjunto de famílias que são considerados “irmãos” por frequentarem a mesma denominação ou templo.

Essa concepção remonta aos povos bíblicos antigos que se intitulavam o “povo eleito” ou o “povo de Deus”. O conceito de comunidade de irmãos contempla, portanto, uma soma de famílias, de indivíduos.

Durkheim (2008) ao abordar o conceito de moral coletivista nos ajuda a entender um pouco esse processo em que o mesmo aborda a questão nas comunidades tradicionais, mais fechadas, os valores morais valem apenas para aquela comunidade. E quanto mais fechada é a comunidade maior força de coação exercem os valores morais sobre a consciência dos indivíduos.

Nesse sentido há nessas instituições que professam os princípios que constituem a Teologia da Prosperidade, uma ênfase no indivíduo, na família e na comunidade membros da mesma denominação. Essa característica do referido campo religioso se vincula ao conceito de meritocracia.

Quando observamos a história do Ocidente percebemos que há uma fundamentação da moral em princípios religiosos, políticos e econômicos provenientes do cristianismo e do liberalismo. A ideia do sacrifício e labuta individual, como condição para se atingir a salvação e o sucesso, neste e no “mundo” pós-morte, tornaram-se um grande paradigma que fundamentou a cultura econômica, política e educacional do ocidente.

Koga et all (2020) nos apresentam uma reflexão em torno da concepção de John Locke (1632-1704) sobre a legitimação da propriedade privada, onde segundo os autores, é possível perceber como a dimensão religiosa e econômica se unem na legitimação do mérito

individual. Segundo Chauí (2003), Locke entendia que Deus fez todos os homens iguais e os deu a missão de trabalhar para conquistar a propriedade privada. Sendo assim, a partir dessa concepção liberal, os pobres que não se tornam proprietários são considerados fracassados e responsabilizados individualmente, pelo seu fracasso, pelo fato de serem preguiçosos e não trabalharem o suficiente para conseguir uma propriedade.

Assim, o “burguês acredita que é proprietário graças ao seu próprio trabalho” (Chauí, 1996, p. 375). Para Koga et al (2020) esse é o fundamento ideológico que contribui para sustentar e legitimar o capitalismo no mundo ocidental. A ideia de que a riqueza é diretamente resultante do trabalho e empenho individual, legitima a relação indissociável entre sacrifício e sucesso.

Para Cunha (1979, p.31), se a doutrina liberal repudia qualquer privilégio decorrente do nascimento e sustenta que o trabalho e o talento são os instrumentos legítimos de ascensão social e de aquisição de riquezas, “qualquer indivíduo pobre, mas que trabalha e tenha talento, pode adquirir propriedade e riquezas”. Koga, Guindani e Ferreira (2020) consideram que a propriedade privada vai adquirindo uma aura sagrada no mundo ocidental, pelo fato de que ela é legitimada não apenas por uma teoria econômica, mas também por um discurso religioso, por uma autoridade divina.<sup>4</sup>

É possível compreendermos que a ideia de mérito vai perpassando todas as instituições da sociedade e de acordo com Koga, Guindani e Ferreira (2020, p.215)

---

<sup>4</sup>Uma melhor análise sobre essa relação entre religião e economia, Koga et al (2020) sugerem uma leitura dos estudos de Sung (1998) que abordam a legitimidade da ideia do sacrifício na economia capitalista. Ao investigarem sobre a fundamentação teológica do neoliberalismo, analisam as ideias e argumentos neoliberais que buscam uma justificativa e legitimidade bíblica para o problema da desigualdade de renda. Segundo eles, para os defensores do capitalismo, é necessário que uns façam sacrifício para que outros atinjam o sucesso. Com relação às crenças legitimatórias, Bourdieu (2005) discorre sobre os sistemas simbólicos como legitimadores do poder dominante; afirma que Weber e Marx entendiam que a religião cumpre uma função conservadora da ordem social, contribuindo para a legitimação do poder dos dominantes e para a domesticação dos dominados. “A religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social” (BOURDIEU, 2005, p. 35). Um maior aprofundamento sobre o caráter sagrado do esforço e dos frutos do trabalho ver em Weber (2001).



“estruturando-se como um importante elemento na legitimação das disparidades econômicas e sociais entre as pessoas e nações”.

Assim, o conceito de mérito possui uma forte relação com as concepções de indivíduo e sociedade transmitidas pela Teologia da Prosperidade. O referido constructo ideológico que apontamos acima se constrói a partir de um universo simbólico que se solidifica em torno de elementos religiosos e culturais ligados à esfera política e econômica como o neoliberalismo por exemplo.

A centralidade no indivíduo – em oposição à uma reflexão sociológica – se dá por meio de crenças compartilhadas como bem destaca Jessé de Souza:

No contexto impessoal moderno, também no periférico, são redes invisíveis de crenças compartilhadas pré reflexivamente acerca do valor relativo de indivíduos e grupos, ancorados institucionalmente e reproduzidos cotidianamente pela ideologia simbólica subpolítica incrustada nas práticas do dia a dia que determinam, agora, seu lugar social. Essas redes, sem dúvida, não eliminam as relações de dependência, mas lhe dão um novo conteúdo e dinâmica, envolvendo tanto doadores de favores quanto receptores de proteção num quadro de referência que ultrapassa a ambos. (SOUZA, 2018, p.269).

Souza (2018, p.233) nos fala também que “não existe dominação social possível sem ideias – explícitas e implícitas – que a legitimem e justifiquem, e que permitam, por conta disso, sua reprodução no tempo”. Essas crenças que se disseminam e se compartilham vão inculcando no indivíduo uma visão de mundo que entende a desigualdade social como um problema pessoal.

## Considerações Finais

A experiência religiosa é uma das formas do indivíduo atribuir sentido à sua vida, ela está ligada ao universo simbólico de cada um. Numa visão superficial podemos achar que a satisfação das necessidades básicas - que se dão dentro das relações de trabalho numa fábrica por exemplo – são explicadas dentro de uma realidade objetiva e concreta na materialidade das relações entre patrão e empregado mediada pelas máquinas.

A desigualdade social na perspectiva tanto da meritocracia como da Teologia da Prosperidade é um problema individual que deve ser superado por meio do esforço pessoal com a consequente “recompensa” da prosperidade. Esse fato pode ser observado, por exemplo, em alguns carros que circulam nas ruas com adesivos assim descritos: “*Foi Deus quem me deu*”. Na lógica desse sistema teológico, a aquisição do carro resulta de um esforço pessoal recompensado por Deus, raciocínio este que de certa forma se desvincula de um contexto maior das políticas públicas de geração de emprego e melhoria das condições de renda.

De antemão é possível também destacar que essa temática demanda novos estudos de aprofundamento inclusive para que sejam identificados outros elementos de análise nessa relação entre religião, pobreza e desigualdade social.

## Referências

AUGUSTI, Waldir. **Teologia da prosperidade: O mercado da fé e a fé mercadológica.** Artigo Publicado na Revista Online Carta Capital – Diálogos da Fé, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/teologia-da-prosperidade-o-mercado-da-fe-e-a-fe-mercadologica/>.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Online.** Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf>

BERGER, P. **O dossel sagrado.** Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus. 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva. 1974

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHAUÍ, M. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 24, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo-24782003000300002&lng=en&nrm=iso>>.

\_\_\_\_\_. **Convite à Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1996.

CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

DUBET, F. **Le déclin de l'institution**. Paris: Éditions du Seuil, 2002

DURKHEIM, E. **A educação moral**. Petrópolis: Vozes, 2008

FRESTON, P. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**. In: ANTONIAZZI, A. et alii. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994

HUTTON, W., & GIDDENS, A. **No limite da racionalidade: Convivendo com o capitalismo global**. Rio de Janeiro, Brasil: Record. 2004

KOGA, Y. M. N., GUINDANI, E. R., & FERREIRA, M. (2020). **Política educacional, formação docente e meritocracia no Brasil**. *Pesquisa E Debate Em Educação*, 7(2), 505–520. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31654>

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. São Paulo: Manole. 2005

MACEDO, E. **Vida em abundância**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo brasileiro**. São Paulo: Loyola. 2005

MARIZ, C. L. **Ação social de pentecostais e da renovação carismática católica no Brasil. O discurso de seus líderes**. Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]. 2016, v. 31, n.,



e319204. Disponível em: <<https://doi.org/10.17666/319204/2016>>. Epub 31 Out 2016. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.17666/319204/2016>

MOREIRA, A. **O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea**. Estudos de Religião, São Paulo, Ano XXII, n.34.2008. p. 70-83

ORO, A, P. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PIERUCCI, A, F; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996

ROCHA, Camilo. **A ascensão e influência das igrejas neopentecostais no Brasil**. Artigo Publicado no Jornal Online Nexo Jornal Ltda. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/04/19/A-ascens%C3%A3o-e-influ%C3%Aancia-das-igrejas-neopentecostais-no-Brasil>

SOUZA, J. **Subcidadania brasileira**. Para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: Leya. 2018

SUNG, J. M. **Desejo, mercado e religião**. Petrópolis: Vozes, 1998

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. Edição de Antônio Flávio Petrucci. Editora Companhia das letras, 2019.

WESTPHAL, V. **A individualização em Ulrich Beck: análise da sociedade contemporânea**. Emancipação, Ponta Grossa, 10 (2). 2010, p.419-433.